



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de março do ano de 2023, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A ATUALIDADE DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A VIOLÊNCIA CONTIDA EM 'OS PORCOS': FERIDAS REABERTAS OU NUNCA FECHADAS?", de autoria da aluna **RAFAELA APARECIDA DA SILVA ALMEIDA**, do curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão. Os trabalhos foram instalados pela Professora Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Orientadora) (IEL/UFCAT), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Dr. Alexander Meireles da Silva (IEL/UFCAT), e o Professor Dr. Sulivan Charles Barros (INHCS/UFCAT). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final dez (10,0), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, Professora do Magistério Superior**, em 01/03/2023, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 01/03/2023, às 22:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sulivan Charles Barros, Professor do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 21:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3483325** e o código CRC **3E114652**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Professora Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Orientadora), Professor Dr. Alexander Meireles da Silva (Membro titular), e o Professor Dr. Sullivan Charles Barros (Membro titular), participaram da Banca Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da aluna **RAFAELA APARECIDA DA SILVA ALMEIDA**, matrícula 202002883, do Curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), sob o título: "A ATUALIDADE DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A VIOLÊNCIA CONTIDA EM 'OS PORCOS': FERIDAS REABERTAS OU NUNCA FECHADAS?", ocorrida na data de 01 de março de 2023, em conformidade com o Regulamento de TCC do referido curso, perfazendo uma carga horária total de 5 (cinco) horas.



Documento assinado eletronicamente por **Antônio Fernandes Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 01/03/2023, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3483331** e o código CRC **FF056D20**.

Referência: Processo nº 23070.004413/2023-30

SEI nº 3483331



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Eu, Rafaela Aparecida da Silva Almeida,
Brasileira (nacionalidade), Divorciada (estado civil),
Apoio da Gerência (profissão), residente e domiciliado(a) à
Rua Uruguai nº 271 Bairro das Américas, Cidade de
Catalão, Estado de GO, portador do RG nº 505906959TC,
CPF nº 018.836.801-90, na qualidade de titular dos direitos morais e patrimoniais de autor
da obra intitulada
“A atualidade de Júlia Lopes de Almeida e a violência
contida em “os Porcos”: feridas reabertas ou nunca fechadas””,
elaborada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras
Português, do Instituto de Estudos da Linguagem-IEL, da Universidade Federal de Catalão,
em 03/03/2023 () AUTORIZO/ () NÃO AUTORIZO o IEL/UFCAT, a reproduzir,
disponibilizar na rede mundial de computadores (Internet) e permitir a reprodução por meio
eletrônico da obra, a partir da data de entrega da versão final.

Catalão, 03 de março de 2023.

Rafaela Aparecida da Silva Almeida
ASSINATURA DO/A ACADÊMICO/A
Curso de Letras Português



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

TERMO DE DEPÓSITO DEFINITIVO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Pelo presente, eu Rafaela Aparecida da Silva Almeida, graduando (a) do Curso de Letras Português, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão, matrícula nº 202002883, CPF nº 018.836.801-90, RG nº 5059069, email rafaela.apasi@gmail.com, telefone(s): 64 996074562, 64 34113428, encaminho à Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso, o meu TCC intitulado: A atualidade de Jília Lopes de Almeida e a violência contida em "os lócos": fridas repositas ou nunca fechadas? defendido no dia 03 de março de 2023 e aprovado para depósito definitivo pelo (a) Professor (a) Orientador(a): Fabianna Simão Bellizzi Carneiro.

Catalão, 03 de março de 2023.

Rafaela Aparecida da Silva Almeida
Acadêmico (a)

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro
Professor (a) Orientador (a)

A ATUALIDADE DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E A VIOLÊNCIA CONTIDA EM ‘OS PORCOS’: FERIDAS REABERTAS OU NUNCA FECHADAS?

Rafaela Aparecida da Silva Almeida¹

Resumo

As mulheres, infelizmente, ainda são vistas como objetos de dominação masculina, fazendo parte de grupos minorizados que precisam resistir muito para conseguirem provar sua capacidade. Assim, neste artigo, relataremos o medo que as persegue e algumas formas de violência que afetam as que tentam sair desse modelo patriarcal dominado pelos homens. Destacamos uma escritora brasileira, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que ajudou na criação da Academia Brasileira de Letras, mas não obteve reconhecimento devido ao patriarcado da época e que ainda prevalece até os dias atuais. Para sustentar a hipótese que mesmo que os medos tenham se reconfigurado, ainda são muito presentes na vida das mulheres, recorreremos à análise do conto “Os Porcos”, publicado pela primeira vez em 1903, na coletânea **Ânsia Eterna**, publicada inicialmente em 1903. Nesse período, as mulheres eram consideradas incapazes e inferiores, daí que muitas buscaram, através da literatura, uma forma de tentar mostrar ao mundo que possuíam voz. A metodologia deste trabalho pauta-se em pesquisa bibliográfica. Autoras como Gerda Lerner em **A criação do patriarcado** (2019) e Eliane Waller em **Vestidos e Mordaças: Representações da Opressão Feminina na Literatura Brasileira nos Séculos XIX e XX** (2008) sustentam a análise do *corpus*.

Palavras-chave: Violência; Medo; Literatura brasileira; Júlia Lopes de Almeida

1. Introdução

A arte, ainda que não faça parte das necessidades básicas dos seres humanos, é importante, pois com ela conseguimos ter momentos de calma e distração em dias cada vez mais corridos e atordoados. As artes em geral são a representação da humanidade pelas mãos de quem as cria e a literatura, em particular, como arte construída pelas palavras, pode levar seus leitores a conhecer mundos, lugares, pessoas, medos e fantasias. Através dela podemos conhecer também um pouco de quem a escreve e o que essa pessoa quer nos passar através da daquilo que redigiu, por isso, nesta pesquisa veremos um pouco sobre a escritora Julia Lopes de Almeida, e como a violência contra a mulher é retratada no conto “Os Porcos”.

Quando da primeira publicação de “Os Porcos”, em 1903, vivia-se em uma sociedade majoritariamente machista, em que as mulheres eram apagadas da sociedade, sem poder estudar, trabalhar, votar ou ter algum tipo de voz ativa em

¹Discente do 8º período do curso de Letras – Português, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão.

assuntos que fossem relacionados ao geral ou até mesmo às suas próprias vidas e vistas apenas como procriadoras e organizadoras do lar. Lerner (2019) salienta “considerava as mulheres irrelevantes para a criação da civilização e secundárias para atividades definidas como importantes em termos históricos”. Reforço que a sociedade continua majoritariamente machista, mesmo que as proibições e medos das mulheres de alguma forma tenham mudado.

O conto “Os Porcos” relata a vida de uma jovem que sofre violência física e psicológica em casa, no ambiente que era para fornecer segurança e afeto. Estaria então o conto “Os Porcos” muito distante da nossa realidade? Poderíamos afirmar que a violência doméstica atinge apenas pessoas de baixa renda? São esses questionamentos que elaboram a nossa hipótese de trabalho, afinal embora vemos um lampejo de mudança a partir da metade do século XX, muito se tem a evoluir, pois em pleno século XXI as mulheres ainda não têm total controle sobre seus corpos, suas vidas, igualdades salariais, reconhecimento profissional, atendimentos básicos de saúde e segurança adequados. Sabe-se que os casos registrados de violência contra as mulheres cresceram nos últimos anos no Brasil, principalmente após o início da pandemia de Coronavírus em março de 2020, quando as pessoas passaram um grande período em isolamento social. (Montenegro, 2021, p.06) ressalta que “Segundo estudo conduzido pelo Fundo de População das Nações Unidas (2020), deve ter aumentado em 20% o número de casos de violência doméstica durante as medidas de isolamento social”. Contudo, é inegável que esses atos não acontecem a grupos isolados e nem foram implantados na sociedade recentemente.

Objetivamos, no geral, focar a leitura e análise do conto sob a ótica da violência feminina, vivenciada pela personagem Umbelina no conto “Os Porcos”. Ressaltaremos também a escritora Júlia Lopes de Almeida, que devido ao período de extremo machismo em que teve seu trabalho publicado, deixou até mesmo de receber prêmios ou títulos por ser mulher. Avaliamos também o quanto o medo pode interferir na ação ou inação de mulheres perante os desafios.

Este trabalho justifica-se, primeiramente, por uma escolha pessoal afinal sou mulher e esse tema da violência de gênero me abala bastante. De outra feita, é importante que se leve ao conhecimento de todas as pessoas e principalmente de alunos nos níveis de educação para jovens e adultos, que no Brasil não tivemos apenas bons escritores e boas obras feitos por homens, mas que também temos e

tivemos boas escritoras, que trouxeram temas pungentes, mas que não receberam o devido reconhecimento.

Sendo uma leitora assídua e apaixonada por literatura gótica, já li algumas obras do gênero, principalmente de autores internacionais, Mary Shelley (1797-1851), Edgar Allan Poe (1809-1849), Stephen King (1947-XXXX). No ano de 2019, foi publicado o livro **Medo Imortal**, que reuniu algumas obras de terror e horror dos escritores fundadores da Academia Brasileira de Letras, para mim foi um espanto, pois não sabia que os cânones de nossa literatura tinham trabalhos nesse estilo. Ao ler a obra tive conhecimento da existência de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que até aquele momento não tinha ouvido falar nem em meus anos de ensino regular, de ensino médio e nem mesmo nos primeiros anos da universidade. Voltei aos meus tempos de adolescente, quando as duas únicas mulheres relevantes que soube da existência na literatura e na pintura do Brasil foram: Cora Coralina (1889-1985) poetisa goiana, e Tarsila do Amaral (1886-1973), que me atormentou os pensamentos por muito tempo tentando entender o que quis passar com a pintura Abaporu. Fiquei tentando entender porque Júlia parece ter sido apagada da história do nosso país e o motivo de tamanha falta de reconhecimento das suas obras.

Na sociedade sempre existiu homens e mulheres, mas predominantemente os feitos e obras dos homens são reconhecidos e lembrados, esse fato atormenta desde sempre. Angustiava-me a falta dessas representações femininas, e quando li os contos de Julia Lopes de Almeida na obra "**Medo Imortal**", e assim vi que tivemos uma ótima escritora do gênero gótico no Brasil, uma enorme satisfação me dominou, pois das mais de trinta obras constantes no livro escritas por treze autores distintos, as dela foram as que mais me impactaram. Não apenas por serem de uma escritora mulher, mas pela qualidade e riqueza de detalhes em contos que pegam coisas consideradas banais e cotidianas, como rosas e porcos e os tornam grandes pesadelos.

Veremos, ao longo desta pesquisa, que a mulher pode fazer o que ela quiser e onde quiser, seja como escritora, professora, médica, advogada, policial, juíza/jogadora de futebol, Presidenta da República, jardineira ou do lar. O que importa é que isso seja uma escolha dela e não algo imposto pela sociedade da qual ela pertence.

2. Desenvolvimento

A mente é objeto de vários estudos, o que para uns pode causar estranheza, ou ser visto como algo sem sentido, para outros pode ser considerado corriqueiro e normal. Sabe-se que o passar dos anos vem trazendo cada vez mais modernidade e disseminando conhecimentos. O acesso a informações de todas as formas nunca esteve tão rápido e fácil para as pessoas. Notícias que antes poderiam demorar dias ou meses para se alastrarem entre as pessoas estão demorando apenas um clique, com isso algumas sensações vão aumentando e a ansiedade é uma das mais aparentes.

Os seres humanos possuem vários sentimentos, que moldam suas ações e comportamentos, podemos destacar aqui cinco deles, que são considerados básicos: tristeza, alegria, medo, nojo e raiva. E a partir desses sentimentos básicos é possível atingirmos outros sentimentos, afinal “a trama de nossa mente e de nosso comportamento é tecida ao redor de ciclos sucessivos de emoções seguidos por sentimentos que se tornam conhecidos e geram novas emoções, numa polifonia contínua” (DAMÁSIO, 2015, p.64). E nessa polifonia contínua, destacamos o sentimento de raiva e o quão ele pode desencadear ações de violência.

Assim podemos trazer o conto “Os Porcos”, como algo que retrata a violência física e psicológica contra a mulher. Nele, a personagem principal é Umbelina, uma “cabocla” considerada muito bonita, que morava com os pais na zona rural e se encanta pelo filho do patrão, que a seduz, a engravida e a abandona. Quando seus genitores ficam sabendo da gestação, ela passa a sofrer terrores constantes. Também sua mãe a renega e seu pai a agride física e psicologicamente, ameaçando fazer a criança quando nascesse ser alimento para porcos. A jovem passa a ficar transtornada e planeja matar ela mesma a criança quando nascer, para assim, se vingar do homem que a seduziu dando fim a vida de seu primogênito e também evitar o fim que seu pai vem anunciando que vai dar a criança. Reforçando assim a autonomia que a personagem tenta ter sobre o próprio corpo e a vida do filho.

Essa tortura psicológica transtornou a moça, pois sabia que seu pai era capaz de tamanha crueldade, conforme se nota no trecho:

...o pai moeu-a de surras, afirmando que daria o neto aos porcos para que o comessem. O caso não era novo, nem a espantou, e que ele havia de cumprir a promessa, sabia-o bem. Ela mesma, lembrava-se, encontrara uma vez um braço de criança entre as flores douradas do aboboral. Aquilo, com certeza, tinha sido obra do pai. Todo o tempo

da gravidez pensou, numa obsessão crudelíssima, torturante, naquele bracinho nu, solto, frio, resto dum banquete delicado, que a torpe voracidade dos animais esquecera por cansaço e enfartamento.(ALMEIDA, 1903, p.41)

Sabemos que a violência não é algo novo, o que pode ser considerado recente é a forma com que ela é vista ou analisada atualmente, pois nos primórdios de nossa sociedade seria considerado normal, o que hoje nos parece inadmissível. A visão de mundo das pessoas foi evoluindo de acordo com o conhecimento que foram adquirindo com os anos. O que antes era visto como uma verdade, pode ter sido assim pelo meio social, pelos grupos, pelos interesses e períodos históricos em que ocorreram. Mas isso não fez dessas crenças algo absoluto ou imutável.

Entre os séculos XV e XVI, o poder da igreja católica foi reduzido, e assim o teocentrismo perde espaço para o antropocentrismo movimento em que o homem passa a ocupar esse lugar. Não que Deus tenha deixado de ter importância para as pessoas, mas os humanos passaram a dividir ou até mesmo ocupar cada vez mais esse espaço no centro de tudo. Com isso a igreja passa a realizar uma “caça às bruxas” para demonstrar seu poder através de forma cruel e desumana, que perseguia mulheres que de alguma forma se destacavam, seja na lavoura, ou com conhecimentos sobre plantas medicinais que passavam de uma geração para outra. A questão era que a mulher não podia se destacar ou demonstrar conhecimento, isso era inadmissível. Para inibir essas que iam contra os padrões, a Igreja passa a denominá-las como bruxas, daí que “a caça às bruxas foi um processo planejado e desenvolvido pela junção entre estado e igreja com o intuito de disciplinamento social e corporal” (TEIXEIRA, 2020, p.180).

Vemos que, mesmo não sendo mais o centro das atenções, os poderes religiosos continuam comandando ações e ditando regras, inclusive nos anos atuais. Com a disseminação da ideia de que quem segue as regras “têm um lugar garantido no céu” e os que não obedecem estão destinados ao inferno, muitas ações são inibidas pelo julgamento do certo e errado ditado pela religião ou até mesmo muitas inações, pois as pessoas agem pensando que a graça vai chegar até elas, se aguardarem com fé. Em “Os Porcos”, Umbelina em um determinado momento se cansa de esperar por esse milagre que lhe foi anunciado e questiona “Onde se escondera o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre falava na missa” (ALMEIDA,1903, p.42).

Posteriormente, observamos que a personagem frequenta a missa na comunidade, mesmo sem entender muito as palavras pregadas pelo missionário. E essa questão da religiosidade da jovem volta a ressurgir durante suas dores do parto. Umbelina age com fúria, determinada a não olhar para o filho em seu nascimento, assim considera ela, que seja mais fácil se desfazer da criança e esse sentimento começa a mudar no momento em que a jovem inicia o trabalho de parto, no meio da noite, sozinha, sentindo as primeiras dores, ela começa a reparar nas belezas do céu estrelado e também na melodia do ambiente que está a sua volta, “os sons quase imperceptíveis e misteriosos, que lhe pareciam vir de longe, de muito alto, como um eco fugitivo da música dos anjos, que diziam haver no céu sob o manto azul e flutuante da Virgem Mãe de Deus”(ALMEIDA, 1903, p.44). Após esse pensamento a cabocla demonstra emoção e começa, mesmo que sem querer, a sentir afeição pela criança que ainda está em seu ventre.

Umbelina, descendente indígena que morava com os pais em uma casa de sapé, é uma jovem bonita e sorridente, mas vê seus sonhos ruírem durante a gestação. Passa a sofrer violências constantes em casa, é abandonada pelo jovem de família rica que a deflorou, na igreja que frequenta é sinal de chacota e na vila as pessoas dizem que não se pode mudar o destino. O que poderia uma mulher fazer, em 1903, contra os desígnios que lhe eram impostos? Ainda mais estando gestante, sendo pobre e solteira. Pensa algumas vezes em como proteger o filho que ainda não nasceu das ameaças de morte que seu pai defere contra a criança dizendo sempre que em seu nascimento será dada como alimento para os porcos.

O fato de a mãe pensar em tirar a vida de seu bebê é um ato considerado cruel e desumano, mas ela estava “cega” de raiva. No final da gestação, mesmo doente, “Umbelina afastou com a mão febril o xale que a envolvia e, descobrindo a cabeça, investigou com olhar sinistro o céu profundo” (ALMEIDA, 1903, p.42), ela percorre durante a madrugada um grande percurso entre plantações, para fugir de casa e colocar seu plano em prática.

O foco das classes dominantes era conduzir as minorias a realizar o que queriam através do medo. Assim reforça “A colonialidade do poder implica relações sociais de exploração/dominação/conflito em torno da disputa pelo controle e domínio [...]inclusive o conhecimento e a autoridade, e seus instrumentos de coerção” (VAREJÃO, 2020, p.151). Esse sentimento aprisionava e ainda aprisiona as ações de uma forma tão absurda que muitas mulheres não ousavam reagir aos limites que a

elas eram impostas. Vistas como “mercadorias de troca”, as que vinham de família considerada rica eram “treinadas” para obedecer aos homens desde seus irmãos, pai e até o marido, sendo submetidas a um casamento abusivo muitas vezes por dinheiro ou por um status de dama da sociedade e assim atingir aquilo que lhes foi ensinado como sendo o ápice da vida feminina, uma vez que “Famílias de classe alta usavam o casamento das filhas, para consolidar o próprio poder social e econômico. O casamento firmava alianças militares e comerciais” (LERNER,1986, p.200). E não importava se essas mulheres seriam humilhadas, espancadas ou mortas, o que era evidente era qual a regra imposta elas não tinham seguido para sofrerem aquela punição. No conto “Os Porcos” notamos isso, quando a jovem sofre maus tratos e ninguém a socorre ou tenta ajudar, por considerarem que ela era a única errada por engravidar sem ter se casado. “Ela estava perdida. Em casa não a queriam; a mãe renegava-a, o pai batia-lhe, o amante fechava-lhe as portas... e Umbelina praguejava alto, ameaçando de fazer cair sobre toda a gente a cólera divina!”(ALMEIDA, 1903, p.43).

A história nos mostra que ao longo dos séculos as mulheres tinham que seguir os padrões, e por muitos anos tinham um papel já definido na sociedade, o de genitora e responsável pela educação dos filhos. Não tinham o direito ao voto, a opiniões, aos estudos e muito menos trabalhar fora de casa, apenas as jovens de origem humilde que além dos afazeres domésticos eram também serviçais na casa dos patrões da família. As filhas já eram ensinadas desde criança como organizar a casa, preparar comida e agradar seus futuros maridos. No conto “Os Porcos”, observamos que além dos afazeres domésticos cotidianos, até os colchões na casa em que os patrões dormiam foram feitos por ela, “entre o conforto de seu colchão de paina, que ela desfiava cuidadosamente” (ALMEIDA, 1903, p.43). Sabe-se que as mulheres eram consideradas incapazes ou inferiores aos homens. E além dessa diferenciação de gênero em que todas não tinham o direito à expressão, elas também eram separadas pela classe social, as que possuíam condições financeiras eram consideradas dignas de casamento e constituir família, enquanto as de baixa renda muitas vezes tinham que se virar para conseguir trabalhar e alimentar os filhos. Waller (2008, p. 28) pontua que

A sociedade patriarcal, juntamente com os dogmas estabelecidos pela Igreja, atribuía um papel subalterno às mulheres, ratificando uma

diferença e estabelecendo padrões de conduta social, nos quais as pessoas se alicerçavam [...] às mulheres cabia o papel de organização da casa e a responsabilidade de cuidar dos filhos [...] esse perfil de mulher dizia respeito àquelas que pertenciam à elite. Para estas, o estereótipo determinado pela sociedade e pela Igreja de mulher submissa aos padrões morais vigentes deveria ser seguido à risca. [...] para as mulheres das camadas populares, não havia essa correspondência. Era muito comum a presença de mães solteiras, vítimas de exploração sexual e doméstica, traduzindo-se em humilhações, abandono e violência por parte do homem progenitor da criança.

Isso fica muito explícito no conto “Os Porcos” pelo fato de que Umbelina, por ser de origem pobre, mesmo sendo religiosa, não teve o casamento exigido pela família ou pela igreja. Ela se via desamparada por todos os lados, pois as pessoas falavam para ela que ninguém poderia fugir do seu destino, foi abandonada pelo genitor de seu filho, que por ter uma condição social elevada nada sofreu. “O amante, filho do patrão, tinha-a posto de lado... diziam até que ia casar com outra!” (ALMEIDA, 1903, p.42). E ela nutria raiva do feto que carregava em seu ventre, pois “odiava nele o amor enganoso do homem que a seduzira” (ALMEIDA, 1903, p.42). Mas não queria que seu filho fosse dado como alimento aos porcos e por isso fugiu de casa e o teve com muita dificuldade, sozinha no meio do pasto. E após o nascimento da criança, quando a cabocla viu o filho sua raiva por ele cessou “Descobriu então a meio o corpo do filho; achou-o branco, achou-o bonito, e num impulso de amor beijou-o na boca” (ALMEIDA, 1903, p.45).

No trecho acima e em outros do conto, os elementos físicos nos remetem a uma atmosfera tenebrosa, como por exemplo, uma simples árvore frutífera que tampa o clarão da lua é descrita como algo que amedronta, “No meio do pasto, uma figueira enorme estendia os braços sombrios, pondo uma mancha negra em toda aquela extensão de luz” (ALMEIDA, 1903, p.45). Até mesmo a Lua que se estivesse descrita em uma obra de cunho romântico seria algo encantador, ao passo que em “Os Porcos” a Lua é descrita de forma que estava emitindo uma luz brancacenta e fria, o que também nos permite ler o conto de Almeida (1903) como um texto inserido na vertente literária do gótico.

No Brasil, a virada do século XVIII para o XIX nos ofereceu certa produção aos moldes do que era feita pelo gótico europeu. Cumpre destacar que em *terra brasilis* tivemos produção gótica majoritariamente masculina, principalmente durante a escola romântica. Nessas produções, eram destacadas a candura e a honra das

personagens – os romances, escritos por homens, deixavam o patriarcado aparente, pois as mulheres castas eram recompensadas, podendo até ficar com seu amado no final. Já as consideradas impuras ou indignas padeciam muito por seus atos, tidos como pecaminosos: “alega-se que a ficção gótica expõe aspectos conflituosos das mulheres, nos quais o corpo feminino se torna uma fonte de anseios e desgostos, e a sexualidade representa a marca de uma mulher má e impura” (SERRAVALLE, 2018, p.13).

Abrimos parênteses aqui para ressaltar o gênero gótico escrito por mulheres, denominado o “Gótico feminino”. “O termo *female gothic* é importante [...] reconhecendo que poderia haver alguma forte relação entre as metáforas do horror e a questão de gênero”. (TEIXEIRA, 2020, p.179). Esse tipo de texto sofreu inúmeras críticas, pois utilizava muitas vezes de figuras de linguagem e metáforas para poder expressar aquilo que se quer e conseguir publicar, afinal denúncias e críticas abertas à sociedade e as classes dominantes não podiam ser disseminadas. Os trabalhos de literatura gótica feminina associavam o horror às questões de gênero. Não podemos aqui dizer que todas as autoras desse tipo de literatura estavam de fato realizando denúncias sobre seus próprios desgostos ou sofrimentos, mas é fato que a grande maioria que utilizou essa forma de escrita foi com o intuito de levar para a ficção as experiências traumáticas que vivenciavam na vida. Teixeira (2020, p.187) salienta “[...] o gótico apresenta o mundo sinistro, opressor e violento vivenciado por mulheres e outros grupos marginalizados tanto em sua atmosfera insólita quanto pelos acontecimentos macabros que descreve”.

Mesmo Júlia, com boa educação, condição financeira considerada elevada comparada a da grande maioria das mulheres e uma boa rede de relacionamentos, foi vítima do desprezo que as mulheres enfrentaram. Suas condições consideradas privilegiadas para a época não a protegiam contra o preconceito. Mesmo demonstrando capacidade e mais que isso, habilidade, criatividade e talento para a escrita, ela ainda sentiu essas proibições, esse “Enjoo eterno” de uma sociedade machista que julgava a qualidade e a dedicação dela inferiores pelo simples fato de não ter nascido homem ou não ter se submetido à imposição de se tornar apenas uma dona de casa com foco unicamente no marido, nos filhos e nos afazeres domésticos. Mesmo após muitos anos de suas publicações, ainda é uma escritora pouco lembrada e reconhecida em leituras escolares, leituras para vestibular e Enem, até mesmo dentro das universidades. Enquanto em um curso de Letras, por exemplo, é possível

ouvir falar de Machado de Assis ou ler algumas de suas obras, pelo menos umas cinco vezes durante toda a graduação, as escritoras, raramente são lembradas. Reforça Santos (2017, p. 89) que

Podemos afirmar, portanto, que Almeida foi, sem dúvida, uma escritora renomada, cujo diálogo com a poética gótica abriu caminho para que o viés feminino dessa ficção se consolidasse em nossa literatura. No entanto seu êxito como escritora não impediu que suas obras fossem omitidas de nossa história literária. Também ela se tornou vítima do desprezo com que a crítica e a historiografia literária lidaram com as obras de autoria feminina no Brasil.

Retomamos o pensamento sobre o desejo de posse que o homem apresenta com seus bens materiais e estende às mulheres que o cercam, faz com que se considerem donos e por isso podem demonstrar total poder sobre o que ou quem os “pertence”, como se um ser humano pudesse ser posse de outro. Conforme descrito por Waller (2008) esse desejo extremo de posse do homem em relação às mulheres levava a grandes barbaridades, como por exemplo: obrigar a utilizar cintos de castidade, circuncisão genital feminina, cárcere privado dentre outras atrocidades. E como reforça Borelli (2002) um homem que tivesse filhos com outra mulher não era problema, pois não afetaria a imagem do pai, mas a mulher que fosse pega em adultério poderia ser assassinada, juntamente com o amante, se esse não tivesse em uma classe social superior à do marido traído.

Além da agressão física, podemos salientar também a agressão psicológica. Nos dias de hoje tem se usado muito o termo *gaslighting* que é explicado por (LIGUORI, 2015) como “uma violência emocional realizada através de manipulação psicológica, na qual a mulher e todos ao seu redor começam a desconfiarem que ela enlouqueceu ou que é incapaz”, no entanto embora seja um termo que está na moda, esse tipo de violência é antigo. Mesmo que anteriormente só fosse considerada violência quando houvesse algum tipo de agressão física. Essa forma de manipulação, que utiliza como base o questionamento a sanidade do outro, o menosprezo ou negação a existência de algo que causa a situação que afetem a outra pessoa, podem remeter a danos severos, fazendo com que a vítima confunda a ideia de realidade e a sua própria percepção de mundo e das coisas ao seu redor. Assim ela começa a sentir-se inferior, errada e incapaz e na maioria das vezes não consegue ver que o agressor a está oprimindo.

Em partes da história, observamos que Umbelina era vaidosa, alegre e cheia de vida. “...achavam-na todos bonita, no seu tipo de índia, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe davam colorido à pele bronzeada e a vestiam toda com um cheiro doce” (ALMEIDA, 1903, p.42). Mas, após as violências sofridas e ao receber essa ameaça do pai, a jovem foi criando um transtorno psíquico, e passava horas se lembrando que os porcos já haviam devorado um recém-nascido. E mesmo que não tivesse nutrido afeição pelo feto que carregava em seu ventre, não queria que o fim da criança fosse esse. Por ter desenvolvido ódio do crápula que a enganou e abandonou, queria se vingar dele, matando a criança, na entrada da casa do filho do fazendeiro, para que ele visse o seu descendente morto quando passasse por lá. E talvez assim, sentisse remorso, por ter enganado a pobre jovem. Essa que para tentar cumprir seu plano de vingança e escapar da sina anunciada por seu pai, foge de casa ao sentir as dores do parto, durante a madrugada sozinha. Rumo à casa dos patrões.

Notamos assim quão desequilibrada e abalada mentalmente se encontrava a moça. Queria ela própria assassinar seu descendente que estava prestes a nascer, para se vingar dos que a humilharam. “Ai! lam ver agora quem era a cabocla! Desprezavam-na? Riam-se dela? Deixavam-na à toa como um cão sem dono? Pois que esperassem! E ruminava seu plano, receando esquecer alguma minúcia...”(Almeida, 1903, p. 43). A moça estava tão sedenta por vingança que queria pagar com violência e assassinato todos os traumas sofridos até ali. E conforme sabemos, seu abusador por ser filho do patrão e, portanto, possuir uma classe social acima da dela, não sofreria punições então essa foi a forma que a jovem encontrou para puni-lo.

Sentindo que o nascimento da criança estava prestes a ocorrer, a jovem seguiu o caminho que ia para a casa do progenitor de seu filho. Nesse trecho do conto, nós leitores, ficamos envoltos na agonia que cerca a atmosfera desse caminho, que a personagem percorre a pé durante a noite em meio a roças de milho e de canas, os relatos agonizantes das contrações, o medo constante que ela demonstra de estar sendo seguida por alguém, o som do rastejar de cobras e a proximidade com a escadaria da casa em que ela queria assassinar a criança que esperava. Deixam o leitor aflito e agoniado, características típicas desse do estilo gótico de escrita, “A cabocla espreitou com olho vivo para os lados da roça de milho, onde ao seu ouvido agudíssimo parecera sentir uma bulha cautelosa de pés humanos; mas não veio

ninguém” (ALMEIDA, 1903, p.46). Que mesmo sem ter um monstro “sobrenatural”, apresenta o pai da jovem, os porcos e também o sedutor como sendo representações dessa figura de maldade. Até mesmo a própria jovem quando está consumida pela raiva pode assumir esse papel perante o leitor.

A forma que o animal é descrito no texto, nos remete a essa aura tenebrosa que o gênero gótico aborda, nesse tipo de texto não é falado sobre o porco gordo e rosado que é mencionado em histórias infantis, mas a imagem retratada é a de “um vulto negro que se aproximava lentamente, arrastando no chão as mamas pelancosas, com rabo fino, arqueado sobre as ancas [...] focinho trombudo, gelatinoso, que se arregaçava, mostrando a dentuça amarela, forte” (ALMEIDA, 1903, p.46). Essa forma de apresentar as características desinquieta o leitor, e é esse sentimento de inquietação que as escritoras utilizam para efetuar suas denúncias. Mesmo que de forma velada, esse incômodo causado no íntimo do leitor é algo intencional da vertente gótica.

Retornamos assim a saga da personagem principal que sem forças para continuar pelo caminho e com muitas dores acaba tendo seu filho no meio da pastagem embaixo da figueira sombria. Nesse momento, seus pensamentos de fúria não a dominavam mais como antes, e ela se sentia tentada a levar a criança para que o pai conhecesse e talvez assim optasse por se casar com ela, mas as dores a dominaram e ela não conseguiu. Ao ver a criança ela desistiu da vingança, tentou amamentar seu recém-nascido, mas estava tão fraca e debilitada que caiu esvaindo-se. E mesmo morrendo, antes de seu fim viu o seu maior medo se concretizar, de uma forma extremamente aterrorizante, uma porca se aproximou e comeu seu filho. A recente mãe ainda ouve o grito da criança antes de morrer sem conseguir reagir, pois seu corpo já não responde mais às suas vontades:

...ela estremeceu ouvindo um gemido doloroso, dolorosíssimo, que se cravou no seu coração aflito. Era o filho! Quis erguer-se, apanhá-lo nos braços, defendê-lo, salvá-lo... mas continuava a esvair-se [...] Entretanto, antes de morrer, ainda viu, vaga, indistintamente, o vulto negro e roliço da porca, que se afastava com um montão de carne pendurado nos dentes, destacando-se isolada e medonha naquela imensa vastidão. (ALMEIDA, 1903, p.46)

2.2 A atualidade de Julia Lopes de Almeida

Podemos ver cada dia mais através das mídias e da TV o grande número de casos de feminicídio e agressões perpetradas contra mulheres. Em sua grande maioria cometida por pessoas próximas e por familiares, como por exemplo, o pai ou o irmão que a agridem ou um ex-companheiro que não aceita o término do relacionamento e domado por um direito de posse, que é inexistente, assassina a mulher, pois considera que ela não tem o direito de seguir viva se não for ao lado dele. Um dos maiores medos masculinos em relação à mulher é de ser traído, conforme descreve Waller (2008, p.23) quando menciona que “O adultério feminino é uma das maiores preocupações do homem, não só no que diz respeito às questões morais, mas também à fidelidade à linhagem familiar, com a possibilidade de a mulher ter filhos de outro homem”. Assim podemos observar um dos motivos que faz a educação entre meninos e meninas ocorrer de formas tão diferentes.

Existem formas muito perversas de discriminação e de opressão, o abuso é uma disposição de quem detém o poder, a pessoa que está no controle define as regras e as atitudes que as demais devem seguir e a violência tem a cara desse poder. O saber e a educação, em todas as épocas, mesmo que com diferenças específicas sempre fizeram parte da constituição do poder, quanto mais instruída a pessoa for, mais fácil é para ela liderar e dominar os demais. Para impedir que as mulheres ocupassem essas posições de liderança, elas eram impedidas de estudar, a grande maioria não sabia ler ou escrever: “[...] instituições negavam às mulheres direitos iguais e acesso a privilégios. A privação educacional a mulheres passou a ser corroborada e, [...] parecia justificada e natural” (LERNER, 1986, p.349).

Foi construída, ao longo dos séculos, a ideia de que os homens saíam de casa para trabalharem, e as mulheres se mantinham no espaço doméstico, cuidavam da casa, dos filhos e preparavam o alimento. Assim, o patriarcado foi crescendo e tendo como base o homem que mantém a ordem, a educação, a economia, a religião, e a mulher que se submete aos mandamentos do homem. Salienta assim Lerner (1986, p. 358)

O sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão das mulheres pela definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais; por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem.

Devido a essa dominação masculina muitos cargos foram por anos considerados estritamente masculinos, entre eles podemos citar médicos, advogados, juízes e escritores. Já que para as classes dominantes as mulheres não poderiam exercer de forma satisfatória essas profissões. Elas não possuíam criatividade ou empenho para tanto, de acordo com a visão masculina. Podemos citar aqui alguns dos escritores mais conhecidos, considerados cânones de suas gerações e pelas gerações futuras. O português Luís de Camões (1524-1580), o inglês William Shakespeare (1564 - 1616), o russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), o brasileiro Machado de Assis (1839-1908) e muitos outros homens. As mulheres que queriam escrever tentavam a todo custo fugir do estereótipo de obra sem qualidade ou que não deveria ser lida, por não ter sido escrita por um homem e para não sofrerem retaliação ou boicote em suas obras, usavam pseudônimos masculinos ou deixavam de assinar. As autoras e irmãs Charlotte Brontë (1816-1855), Emily Brontë (1818-1855) e Anne Brontë (1820-1849), assinavam suas obras utilizando os nomes Currer Bell, Ellis Bell e Acton Bell, respectivamente e podemos citar também a escritora brasileira Maria Firmina dos Reis (1822-1917), que não assinou a autoria de seu romance. E assim tiveram seus romances aceitos pelo público literário da época. Um dos casos mais conhecidos de escritora que não assinou sua obra é o da inglesa Jane Austin (1775-1817), em seu primeiro livro publicado, **Orgulho e Preconceito**, dizia: “Um romance. Em três partes. Escrito por uma dama.” E todos os seus livros publicados posteriormente eram creditados à “mesma autora” dos livros anteriores. Seus romances foram creditados a ela apenas após sua morte, pois em vida nenhum teve sua assinatura. Silva (2022, p.2) descreve

[...] muitas mulheres foram pioneiras em suas criações e inventividades e questionaram o sistema patriarcal, enfrentando seus obstáculos e sendo protagonistas, em movimentos artísticos e científicos, bem como deixaram seus vestígios em suas obras, mesmo que essas não tenha tido o reconhecimento e o espaço merecidos.

Partindo desse princípio de tentar romper a dominação patriarcal em uma sociedade que a mulher não tinha vez nem voz, temos Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora, descendente de portugueses, branca e de classe média alta. Esses fatores a ajudaram a adentrar na profissão? Sim, mas não são por eles que ela permaneceu, e nenhum deles impediu a discriminação por gênero que ela sofreu durante toda a vida profissional. Ela relata sobre a exclusão que as mulheres sofreram

na literatura, e a aceitação ou pelo menos convivência por parte delas “[...] teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos-grandes para eles, [...] e extremamente miudinhas para nós [...] e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disso!” (ALMEIDA, J.L. IN.: TELLES, N. 2004, p.408). No início de sua carreira, Júlia conseguiu apenas espaços para publicações na Gazeta de Campinas. Mudou-se para Lisboa, onde começou a escrever contos infantis e lá se casou com Filinto de Almeida (1857-1945), que na época era diretor de uma revista editada no Brasil. Os dois se mudaram para o Brasil, e assim ela passou a ter mais notoriedade em suas publicações, pois com a tentativa de modernidade começaram a abrir mais espaços para as escritas das mulheres.

Com esses olhares para o novo século e a abertura dos espaços que antes eram estritamente masculinos, Júlia foi conseguindo notoriedade em suas obras, sendo uma das maiores romancistas brasileiras e escritora de livros infantis. Tornou-se conhecida entre os maiores escritores daquela época, participando juntamente com seu marido e outros nomes conhecidos da literatura de nosso país, reuniam para evidenciar a importância de um espaço que evidenciasse os profissionais dessa arte que é a escrita em Paris, por exemplo, já existia uma aclamada academia de Letras, que delegava prestígio e notoriedade aos seus membros. Assim, em 1897, foi criada a Academia Brasileira de Letras. Mesmo participando de sua fundação, Júlia Lopes de Almeida não ocupou um lugar na academia, não recebeu nem uma homenagem sequer e isso não aconteceu por falta de dedicação, mas exclusivamente pelo fato de ela ser mulher. Assim evidencia Martins (2019, p.14):

Seu nome não consta em nenhuma relação dos membros da Academia Brasileira de Letras por uma razão simples. Apesar de ter sido uma das intelectuais que mais se mobilizaram no período, participando de várias reuniões para a fundação da entidade ela acabou vetada na última hora. Nossa academia não copiou o modelo francês apenas quanto ao número de membros, o uso do fardão e o hábito de chamar seus integrantes de imortais. A instituição nacional também adotou a restrição gaulesa quanto à participação de mulheres em suas dependências. Dessa forma, quarenta homens foram os membros fundadores da instituição.

Essa sucessão exclusivamente masculina na academia só foi quebrada em 1977, quando Raquel de Queiroz (1910-2003) foi eleita para ocupar uma cadeira. Fato ocorrido mais de quarenta anos após a morte de Júlia. Essa teve uma de suas obras, o livro de contos intitulado **Ânsia Eterna**, publicado em 1903, reunindo vinte e seis

contos todos do gênero gótico escritos por ela. Um gênero que era considerado aquém dos demais. Conforme reforça (TEIXEIRA, 2020, p.178) no trecho “textos góticos foram considerados uma forma inferior de arte, um entretenimento efêmero e sem grande valor cultural, contribuindo para a tentativa de esvaziamento de seu potencial de crítica para o grande público”. Ele não se utiliza apenas de “monstros”, seres sobrenaturais de formas diferentes e que amedrontam, mas além do terror físico pode ser um terror psicológico, algo que cause aflição, suspense e medo. Santos (2017, p.85 e 86) ressalta

Os contos de *Ânsia Eterna* demonstram que o nosso Gótico feminino, tal como a literatura de medo brasileira, privilegiou a violência, o horror e as descrições expressivas de transgressões e experiências traumáticas como forma de suscitar no leitor os efeitos estéticos do medo: suas obras dialogaram abertamente com a tradição do Gótico literário, e, junto a outras escritoras góticas, trouxeram, para a ficção brasileira horrores indubitavelmente femininos.

Pode ter sido o fato de não receber os devidos méritos por seus trabalhos que fizeram com que Júlia enveredasse pela literatura gótica, ou simplesmente pelo fato de gostar desse tipo de literatura, em que poderia expressar suas mazelas sem julgamentos ou poderia expor seus medos e a violência que sofreu.

Após a pesquisa para este trabalho podemos responder nossa hipótese de que o conto “Os Porcos”, pode se aproximar dos dias atuais devido aos índices de violência contra a mulher continuarem a subir. Por fim, reforçamos que existem várias formas de violência, como aquela contra a “integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004, p.17). E por tudo que foi exposto até aqui salientamos que sim, esse conto poderia se passar facilmente por uma obra do século XXI.

3. Considerações Finais

O objetivo desse trabalho foi mostrar o quão contemporâneo é o conto de Júlia Lopes de Almeida, ao relatar a agressão sofrida pela personagem principal da obra. Sabemos que o conto oferece outras ideias que também poderiam ser estudadas e analisadas. Mas o fato de um ser humano poder se tornar alimento de outro ser nos causa repulsa, mas não é algo considerado impossível ou apenas algo ficcional, pois no ano de dois mil e dez, tivemos o assassinato de Eliza Samudio (1985-2010), em

que o mandante do crime confessou que após o assassinato, esquartejou o corpo e deu para os cachorros comerem.

Utilizamos como aporte teórico principalmente Lerner e Saffioti, que falam sobre o patriarcado e tipos de violência, conseguimos apresentar, tendo apenas um conto como objeto de estudo, o desconforto que o tema nos causa e sabemos que mesmo com os números de casos de agressão contra as mulheres registrados no Brasil estarem sofrendo um aumento vertiginoso em seus números, grande parte da sociedade, devido ao machismo estrutural arraigado, ainda questiona o que a mulher fez para que o homem reagisse assim.

Ao realizar essas análises percebemos a forma que a violência pode modificar as atitudes e sonhos de uma pessoa, o quanto ela pode influenciar a vítima em sua forma de agir ou em sua incapacidade de sair das situações. No dia sete de janeiro de dois mil e vinte e três, vi no jornal local dois casos de agressões físicas sofridos contra mulheres, uma delas veio a óbito e resolvi entrar no Google e escrever a palavra feminicídio na guia de buscas e apareceram oito casos diferentes e nenhum deles era o que vi na TV. Atualmente, inúmeros são os casos apresentados de violência física e psíquica contra a mulher, feminicídio e cárcere privado. E o quanto isso interfere no psicológico dessas pessoas afetadas e em seus comportamentos durante e no período pós-traumático ainda é imensurável.

Por fim, pudemos comprovar nossa hipótese de que o conto é atual. Ainda que as mulheres estejam mais instruídas e amparadas pela lei de proteção do que no ano em que o conto foi escrito, isso ainda não intimida os agressores e todos os dias podemos ouvir ou ler sobre casos de agressão e feminicídio em todas as partes do mundo. Por isso, é um assunto que deve ser sempre pesquisado e relatado, esperamos um dia que essa realidade mude e que tenha uma queda vertiginosa nos números de casos, mas atualmente só nos cabem as denúncias e a esperança por dias melhores.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia Eterna** (1903); apresentação Cleide Lemos.— Brasília: Senado Federal, 2019.

BORELLI, Andréa. **Adulterio e a mulher**: considerações sobre a condição feminina no Direito da Família. São Paulo. Editora Celso Bastos, 2002.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**: Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Brasil: Companhia das Letras, 2015.

LIGUORI, Maira. (2015). **O machismo também mora nos detalhes** - Think Olga. Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>. Acesso em: 01 mar 2023.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens, OXforUniversity, 1986. Tradução Luiza Sellera – São Paulo :Cultrix, 2019.

MARTINS, Romeu. **Medo Imortal**: mestres brasileiros da literatura. Rio de Janeiro-RJ: Darkside, 1ª edição: junho, 2019.

MONTENEGRO, Thiago Cunha. (2021). **Violência Contra a Mulher**: Análise comparativa de dados públicos antes e durante a pandemia de COVID-19, Trabalho de Conclusão de Curso. Campina Grande – PB: Universidade Federal de Campina Grande.

SANTOS, Ana Paula A. (2017). O Gótico Feminino na Literatura Brasileira: Um estudo de ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida, **Dissertação de Mestrado**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo - SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª edição: março, 2004.

SERRAVILLE, Daniel de Sá. **O Romance Gótico e as Mulheres**: Questões de política sexual. Itinerários, Araraquara, n. 47, páginas 13-23, jul./dez. 2018.

SILVA, C. M. e SILVA, J. P. S. (BIO)GRAFANDO MULHERES: AS SINGULARIDADES DE HISTÓRIAS DE MULHERES NO CAMPO DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, edição especial, ano XX1, junho, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/63730/751375154286>. Acesso em: 25 jul 2022.

TEIXEIRA, Rosana F. P. L. e LIMA, Priscilla M. R. A LITERATURA GÓTICA DE AUTORIA FEMININA NA INGLATERRA DOS SÉCULOS XVIII E XIX: RESISTÊNCIA A IDEOLOGIA HEGEMÔNICA. **Revista de literatura, história e memória**, Unioeste, Cascavel, páginas 176 – 200, volume 16, número 27, 2020.

TELLES, N. **Escritoras, escritas, escrituras**. In.: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

VAREJÃO, Adriana. **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decoloniais/organização e apresentação Heloisa Buarque de Hollanda; Autora Adriana Varejão. Rio de Janeiro – RJ: Bazar do Tempo, 1ª edição, janeiro 2020.

WALLER, Eliane (2008). **Vestidos e mordaças**: representações da opressão feminina na literatura brasileira nos séculos XIX e XX. Tese de livre acesso em Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.